

Al proposito do dia 25

Casa para alugar com bom quarto de banho, etc.



(COPIA DE CARAN D'ACHE)

Por ahí...

NA AVENIDA

A rigor, eu, barbeado;
A rigor, tu, bem vestida;
Passo curto e braço dado,
Giraldemos um bocado,
Pela esquerda da Avenida.

Só da esquerda é que a folgança
Se espanceja toda inteira;
—E' já velha e relha usança
Sermos povo que só dança
Do lado da papelreira...



E' na esquerda, em corredor,
Que andam vultos mais liroz;
E' da esquerda que a vapor
Vês subir o elevador
—E a casa ao marquez da Foz.

Já que um mais outro te cito,
Nota uma coisa—não vês?—
Dá-se um mysterio exquisito
Entre o ascensor sobredito
E o sobredito marquez!

Parece, assim de repente,
Ser obra de bruxo—ou bruxa!—
Ambos sobem, lestantemente...
—Sobem, sim, mas fica a gente
Sem saber quem é que os puxa!



Vem p'ra aqui, que eu te faculto
Divertido passatempo...
Olha bem p'ra cada vulto
E dirás, n'um riso occulto,
Que não perdeste o teu tempo.

Repara n'esse furlante
Que impertigado alli passa,
De gravata com brilhante
E luneta petulante
—Das do vidro de vidraça.

Já na escola um tolo egregio,
Apanhou surra e mais surra;
E em dez annos de collegio
Não sabia—o privilegio!—
Ba ba, fugia a burra!

Hoje em dia, de poeta;
Tem arrote e mostra flato,
Pois ouviu lingua indiscreta
Segredar-lhe: —és um pateta!
—Tanto monta ser lit'rato...

Anda a escrever um volume
Que hade assombrar os vindoiros;
E do qual já deu a lume
Mil prospectos—em cardume
Nos umbraes dos sumidoiros.



Espectac'lo d'outro lote
Tens, companheira magana,
N'aquella esvelta cocote
Que alli vai puxada ao trote
Da parelha hanovriana.

Envolve-a um manto de renda
Que arrasta um palmio no chão.
E pensar eu — julgo lenda! —
Que já vi aquella prenda
Em camisa — e d'algodão!

Pondo o corpo em almoedas
Foi pinchando, aqui e ali,
E hoje usa, gastando ás medas,
Colletes de dez moedas
Das Vertus e da Leoty!

Repara, em confronto a esta,
N'aquella rapariguita:
E' feia—mas pura e honesta—
E nem nos dias de festa
Mostra um vestido de chita!



E' noite: fulgura apenas
Alva luz nos saccos brancos...
Se o contrario não me ordenas
Vamos nós fugindo ás scenas
Que vão dar-se n'esses bancos...

Fujamos do galanteio,
Que o galanteio é um p'riço...
Ha contagios n'este meio
E, se ficamos, recio...
Fazer o mesmo contigo...

João de Deus

Fumando...



Por mais esforços que a gente faça, não se apurou ainda se continua o lucto pela morte do sr. D. Luiz, ou se o lucto cessou, pelo advento do sr. D. Carlos ao throno portuguez. Effectivamente, olhando para o vestuario da maior parte dos individuos que transitam nas ruas, para os fumos dos chapéus, para os plastrons de meringe, para a cor tenebrosa das luvas, e para o perfeito azeviche das sobrecasacas e dos *pardessus*, logo se conclue que a população de Lisboa vem de passar por algum golpe irreparavel — conclusão esta logo desmentida, quando a gente assiste á passagem, no Chiado ou na rua Larga de S. Roque, d'algum dos membros da familia real, em caruagem descoberta e lúva cor de cinza, ou quando vae vér os *Te-Deums* e luminarias em acção de graças pelo nascimento do pimpolho novo. De maneira que somos nós, arraia meuda d'estes reinos, quem cubrimos a cabeça de cinza, pelo fallecimento d'um homem a quem nos não ligava afinidade alguma de parentesco, e é a familia d'esse homem a primeira que se permite quebrar o lucto devido aos mortos, sem para isso procurar um pretexto, fortuito sequer, que lhe tornasse menos chocante o acto, de si irrespeitoso e tristemente symptomatico.

Este lucto de D. Luiz tem sido nas altas regiões, uma das maiores farçadas do nosso tempo. Começou pelo enterro, que os jornaes pintaram como um grande unisono de dor, e não passou afinal d'uma mascarada lugubre, onde todos riram e chacotearam a seu talante. Nove dias depois d'enterrado o monarcha, e ainda em pleno nojo da corte, ahí se manda abrir parenthesis ao lucto publico, pôr luminarias, fazer manifestações de festa e regabof, trocar os trajos negros por outros d'alegria, attento o caso de haver nascido um novo principe... Depois, volvido esse natal de principe indiscreto, novamente o lucto continua, até que tres dias depois haja d'interromper-se para outras manifestações de regabof... e assim successivamente, alternando as exequias por alma, com os *Te-Deums* em acção de graças, misturando os dobres de sinos aos foguetes, o preto ao encarnado, o ar de pezames ao ar de parabens, ha quasi um mez que a gente assiste a esta extrayagante comedia da pragmatica que se permite decretar sentimentos, e supprir com momices externas a vacuidade d'alma das camarilhas para quem ella legisla estes ceremoniaes.



A princeza Ratazzi tem nas *Matinées Hespanholas*, a respeito do sr. D. Carlos I, estes assomos de desejo:

..... Lindissimo rapaz com um cabello louro e frisado como o de sua mãe, uma tez de menina rosea e nacarada, como diz o poeta, olhar meigo e acariciador, um sorriso espirituoso e ligeiramente zombeteiro, um bigodinho fino e brilhante, tem tudo quanto é necessario para vir a ser um rei popular.»

Nada se nos offerece dizer quanto á fidelidade do retrato que a princeza nos faz do rei de Portugal; de mais que a princeza é hoje, ao fim de cincoenta annos de pratica, talvez a maior auctoridade critica da Europa, no respeitante á apreciação da belleza masculina.

E por completo renderiamos homenagem ao talento litterario e gustativo da princeza, caso nos não assaltasse uma divergencia sobre o prognostico do sr. D. Carlos vir a ser um rei popular, só pelos motivos da tez de menina, e do bigodinho fino e brilhante, que ella lhe assignala.

A senhora Ratazzi illude-se, quanto á seducção exercida pelos reis com cara de menina, sobre o espirito de povos acostumados a desconfiarem dos homens que não tenham a cara do sexo a que pertencem — e mais erra ainda, aventando da popularidade que os bigodes torcidos possam vir a trazer aos reinados incapazes de se individualisar por outra qualidade que não seja o talhe de barba.

O seu erro de resto, provem do particularismo especial do seu ponto de vista, que lhe faz vér popular, n'um povo de trabalhadores e de homens livres, um typo de monarcha que só poderia vulgarisar-se por exemplo, n'um povo de *renifleurs* e de *cocottes*.

De mais, quer-nos parecer que a matrona podia bem, fóra dos attributos especiaes da formozura (indispensavel, convimos, aos principes, como aos galãs) achar dois ou tres predicados moraes com que fundamentar para o sr. D. Carlos, a sua hypothese de popularidade. Que diabo! Por muito desataviado de virtudes que um homem seja, ha sempre um lado obscuro do character, aonde os biographos nos podem prender, sem receio de contestação, duas ou tres bonitas qualidades.



PASSADO, PRESENTE E FUTURO



Já tive agora não tenho.

Tenho.

(Segundo van Beers)

REI SUPERCHIC

Terei?

Mustavo Bordallo Loup.

17,4x



Estão publicadas em fascículo, n'uma edição preciosa da casa Alcino Aranha, do Porto, as ESTANCIAS DO INFANTE D. HENRIQUE, que Manoel Duarte d'Almeida compoz, e recitou no sarau da Sociedade d'Instrução do Porto, em honra do infante; e n'essa especie de sonho huguesco, que é o quadro de D. Henrique no promontorio de Sagres,

*De pé, na aguda escarpa do rochedo,
De que fizera abrigo solitario,
Que mais dissereis aspero degredo
Ou retiro de monge visionario,
Ou júgareis — talhado no fraguado —
Phantastico navio temerario,
Impaciente, que bata a sua hora
Por fazer-se de vela, sem demora;*

*Pelo silencio calmo, grato á mente
Que os problemas eternos vê, medita,
— Busca, ancioso, de Sagres o vidente,
Lêr nas letras da abobada infinita...
Os astros interroga, Do oriente
Ao poente, na orbita prescripta,
Vae seguindo, escutando o ritmo vario
D'esses lumes do immenso lampadario.*

salta o conjuncto de todas qualidades artisticas do poeta, desde a sua chamma de fé entusiastica, e da sua candura de sentimento, até á arte de gravar as scenas, em aresos d'uma nitidez suprehendente.

E a gente ouzuda, lendo as Estancias, o'um grande applauso, este vidente, que em meio da degradingolade poetica do nosso tempo, ainda ousa erguer a voz para cantar os heroes, e galvanisar com a sua pujante imaginação, as antigas formas de canto dos nossos poetas consagrados.

LEKAN.



Se gostaes de antiguidades ide ao Bazar Universal, rua Nova da Palma, 202 e 204.

Rei morto ... Viva a Republica

Um jornal de Paris observa com rara sagacidade e profundez de vistas que, accetando do novo governo do Brazil a dotação e obtendo a promessa da manutenção da lista civil, o sr. D. Pedro II creou no mundo uma situação nova: a des monarchas aposentados. Assim é.



Implicando necessariamente o reconhecimento d'esse novo estado, a annullação immediata do subterfugio a que se convencionou chamar—*direito divino*, o logar de rei, que até aqui era vitalicio e hereditario, passou a ter um caracter meramente transitorio e a ser designado no orçamento do Estado pelas seguintes verbas:

Ordenação annual, ou mensal..	0000000
Ajuda de custo.....	0000000
Despezas de representação ...	0000000

Descontos.

Caixa de aposentações	0000000
Sollo.....	0000000
Direitos de mercê.....	0000000
Americano	0000000
Adiantamentos.....	0000000
Monte-pio official	0000000

Postos assim os principios, os principes dividir-se-hão em tres cathogorias, domo nos correios e telegraphos:

- Dentro do quadro.
- Fóra do quadro.
- Supranumerarios.

Assim, por exemplo, sua alteza real o principe da Beira está dentro do quadro. Constitucionalmente, era o principe herdeiro; por ordem de classificação é o primeiro á bicá.

Sua alteza o serenissimo infante D. Alfonso está fóra do quadro. Na consideração do orçamento representa, porém, uma verba, e, como tal, pesa apenas nos destinos do sr. Carrilho. Particularmente, apparece todas as tardes, na Avenida; constitucionalmente, só apparece no fim do mez, no ministerio da fazenda.



Sua alteza o serenissimo Infante D. Manoel pertence ao grupo dos principes supranumerarios. Espera vaga.

Como se vê, nada mais admiravel. Assim organizado, o paço da Ajuda transformar-se-hia n'uma repartição do Estado, em que el-rei, considerado sob o ponto de vista elvinodebritto, seria um mero director geral; em que sua alteza real o principe herdeiro copiaria officios; em que o serenissimo infante D. Manoel escreveria cartas de namoro, e finalmente,



em que sua alteza o serenissimo infante D. Alfonso daria systematicamente trezentas e sessenta e cinco faltas por anno.

Acceitando, pois, a dotação e tendo deixado debaixo de palavra a lista civil que remunerava as pessoas de sua familia, o imperador D. Pedro II. do mesmo passo que entalou o Brazil com oitocentos contos annuaes, abriu um exemplo terrivel que, a ser seguido pelo jacobinismo clemente das novas eras, va dar cabo de quanta republica houver de surgir d'entre os alcáçôes dos thronos vigentes, á voz dos Doidoros e Bocayuvás.

Com effeito, se até aqui o Brazil tinha um encargo, passou agora a ter dois: um presidente de Republica, com todos os seus horrores: casa militar e civil, despesas de representação, etc., etc.; e um imperador com toda uma familia ás costas, esposa, filha Clementina, conde d'Eu e alguns miudos.

Portanto, se, politicamente, o Brazil lucrou com a mudança de regimen, economicamente espetou-se. Entretanto, como tudo no Brazil está sendo provisario, e possivel que o effrecimento tambem o seja.

E provisario o governo.
E' provisario o general Deodoro.
São provisarias as auctoridades.
São provisarias as deliberações.
Este caracter de interinidade que até na flora do paiz pode manifestar-se assim



e as frutas assim



da origem a certos gravissimos de interpretação. Em Lisboa, por exemplo, ninguem faz idéa do que seja o governo provisario.

Muitos supõem-no assim:



Outros assim:



a maior parte assim:



Ao mesmo tempo que isto se passa — detalhe singular! — a colonia brasileira de Lisboa e Porto, soberbamente conhecida pelas suas ideias conservadoras, está dando o mais extraordinario exemplo de solidariedade ao infortunio, como se verá pela allegoria junta.



Os revezes do S. M. o imperador, pelo qual as duas colonias nutriam o mais entranhado affecto, inspiram esta scena em Lisboa.

No Braganza:

— O sr. Paulo Porto-Alegre, consul do Brazil (A voz embargada pelos soluços) — Vi... va a... Re... pu... bli... ca!



— A Colonia (visivelmente commovida) — Viva!...
 — O sr. João Vieira da Silva (movimento e sensação) — Pe... ço... um... brin... de... (schius... schius) A'quelle qui vem no «Alagoas»...
 — Vozes (vehementes) — Não apoiado!



— O sr. Porto Alegre (conciliador) — Peço qui não si traga para o tapete da discussão a pessoa do ex-monarcha que já não é.
 — Vozes (excitação) — Apoiado!... Tira elle do tapete...
 — Todos (a commoção no seu auge) — Viva á Republica!...

No palacio de Christal:

— O sr. Rabello, consul velho e velho servidor do sr. D. Pedro II (cans ao vento, tremulas as mãos, os olhos razos d'agua) — Vi... va... a... Re... pu... bli... ca!...

— A Colonia (levando o lenço aos olhos) — Vi... va!
 — Um brasileiro — Proponho qui mensagem leve firma di consul.
 — Uma voz (timida) — E imperadô?...
 — 1.º brasileiro — Terra come elle...
 — O velho consul (modesto e resignado) — Visto qui mi querem fazer tanta honra cedo pela violencia...

Todos — descendo á bocca do proscenio) Viva seu Rabello!... Viva... Re... pu... blica!...



Moralidade do imperador. — Quanto mais conheço elles, mais gosto di macaeo!

João Risora.